

**UNIVERSIDADE CANDIDO MENDES
PÓS-GRADUAÇÃO “LATO SENSU”
AVM FACULDADE INTEGRADA**

A DISLEXIA E OS DESAFIOS PEDAGÓGICOS

Por: Suzana Paula Pedreira Tavares de Moura

**Orientador
Prof. Flávia Cavalcanti**

**Niterói
2013**

**UNIVERSIDADE CANDIDO MENDES
PÓS-GRADUAÇÃO “LATO SENSU”
AVM FACULDADE INTEGRADA**

A DISLEXIA E OS DESAFIOS PEDAGÓGICOS

Apresentação de monografia à AVM Faculdade Integrada como requisito parcial para obtenção do grau de especialista em Orientação Educacional e Pedagógica.

Por: Suzana Paula Pedreira Tavares de Moura

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus que me deu força todos os dias para não desistir diante dos obstáculos, e prosseguir na luta por dias melhores. A minha orientadora Flávia Cavalcanti, pela dedicação e paciência para a concretização desse trabalho.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a minha mãe que com amor, trabalho e sacrifício orientou-me pelos caminhos do saber, lutando incansavelmente para me proporcionar o melhor. Aos meus filhos que foram compreensivos e pacientes, jamais se queixando com a minha ausência e excessos de afazeres. Minha amiga dedicada que esteve caminhando ao meu lado durante essa trajetória de grande importância na minha vida.

RESUMO

A dislexia é definida como um distúrbio na área da leitura, escrita e soletração. Porém os sintomas que uma criança com dislexia apresenta são idênticos a qualquer outros transtornos de aprendizagem encontrados em uma criança não disléxa. Portanto, o diagnóstico de dislexia deve ser feito por uma equipe multidisciplinar formada por Orientador Pedagógico, Psicólogo, Fonoaudiólogo. A criança disléxa apresenta dificuldades de aprendizagem já nos primeiros anos escolares. É um indivíduo que apresentará sempre dificuldades na leitura, na escrita e as vezes, apresentará movimentos descoordenados = lateralidade, dificuldades para jogar bola, andar de bicicleta, amarrar sapatos, etc. Disgrafia = letra feia, vários erros, escrita espelhada; Discalculia = falta de habilidades de lidar com números, símbolos e operações; Déficit de atenção = dificuldade de organização, seguir ordens, entrega de tarefas no prazo, excesso de distração, etc. Disortografia = erros excessivos. Esses são apenas alguns sintomas que podem ocorrer. E é bom lembrar que a criança disléxa tem um nível intelectual na média ou acima dela, jamais abaixo. A falta de ajuda provoca nas crianças com distúrbios de aprendizagem (não só os disléxos) o temido fracasso escolar e junto com ele vem os estigmas de “burro”, incapaz, preguiçoso, Elas não conseguem, não porque “não querem nada”, mas sim pelas suas dificuldades e isso gera uma baixa autoestima, às vezes resultando em problemas de comportamento, pois chamam a atenção dos pais e professores pelos aspectos negativos. Por isso é importante ficar atento às observações feitas pela escola, pois quanto antes a criança for encaminhada para um diagnóstico correto, melhor será para ela e também para a família, evitando assim maiores transtornos no futuro. Embora a cura para a dislexia ainda não exista, é possível, com terapias, minimizar significativamente, ajudando a criança a descobrir caminhos que facilitem a sua aprendizagem, não só escolar, mas para a sua vida.

Palavras-chave: Dislexia, Dificuldade de Aprendizagem, Diagnóstico Pedagógico.

METODOLOGIA

Neste trabalho foi desenvolvida uma pesquisa bibliográfica, dividida em quatro etapas: levantamento do referencial teórico, seleção do material teórico apropriado a presente investigação (entre vários autores, tendo um embasamento teórico centrado na seleção do material sobre a dislexia), leitura analítica do referencial selecionado e organização do relatório final.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	08
CAPÍTULO I	10
CAPÍTULO II	26
CAPÍTULO III	45
CAPÍTULO IV	55
CONCLUSÃO	60
BIBLIOGRAFIA CONSULTADA	62
ÍNDICE	64
FOLHA DE AVALIAÇÃO	

INTRODUÇÃO

Nesta pesquisa sobre “A Dislexia e os Desafios Pedagógicos” é visível a importância da articulação do Orientador Pedagógico com os professores da instituição. O Orientador Pedagógico, junto a direção escolar compõe a equipe técnica administrativa que se encarrega da gestão da unidade escolar, mas principalmente na questão pedagógica.

Justifica o presente estudo o fato a se considerar como é fundamental a compreensão dos modos de agir do Orientador Pedagógico nos diversos contextos em que atua, rumo a superação dos problemas da escola. O Orientador Pedagógico é desafiado constantemente com os problemas das mais diversas ordens, entre elas a dificuldade de aprendizagem e não podemos ignorar o que acontece com nossos alunos. Se existe o problema, devemos conhecê-lo e promover alguma forma de intervenção. Afinal, superar as situações que comprometem o desenvolvimento dos nossos alunos deve ser sempre o objetivo do educador.

Então, o principal objetivo é levantar a questão de como o Orientador Pedagógico pode intervir junto ao professor para ajudar na construção do conhecimento do aluno disléxico e no processo de aprendizagem, descobrindo estratégias e recursos para fazer com que esses alunos se interessem em aprender. As reflexões, interesses e práticas da pedagogia podem ajudar a ação educativa na escola compartilhando as atitudes e intervenções pedagógicas do professor para o aluno disléxico.

Pensando nisso, o trabalho foi desenvolvido através de pesquisas bibliográficas tomando como base a investigação de autores como Antunes, Drouet, Fonseca, Pain, Selikowitz entre outros.

O primeiro capítulo da pesquisa aborda o que é a dislexia, suas características e os sinais que podem indicar o distúrbio, que impede a criança de compreender com a mesma facilidade que a outra da mesma idade.

O segundo capítulo relata as intervenções que o Orientador Pedagógico pode fazer, auxiliando o professor com o aluno disléxico. Aborda as dificuldades encontradas pelo Orientador Pedagógico e a atuação do mesmo, com as

crianças disléxas e como pode ajudar o professor a planejar atividades para o desenvolvimento da criança.

O terceiro capítulo relata sobre dados encontrados na LDB, frente aos portadores da dislexia, Lei 9.394/96, a necessidade do Orientador Pedagógico conhecer a Lei e Diretrizes e Bases e como proporcionar oportunidades educacionais adequadas.

Para finalizar, o quarto capítulo aborda sobre como avaliar um aluno disléxico e como realizar essa avaliação sem traumas. O Orientador Pedagógico pode estar ajudando o professor a elaborar avaliações que favoreçam o entendimento e desenvolvimento do mesmo.

CAPÍTULO I

O QUE É DISLEXIA?

Aos desmembrarmos a palavra de imediato temos a primeira noção básica do que vem ser dislexia: DIS= distúrbio, dificuldade; LEXIA= leitura (do latim) e linguagem (do grego). DISLEXIA = distúrbio da linguagem.

Segundo Drouet,(2003.p.137) a dislexia é uma alteração nos neurotransmissores cerebrais que impede uma criança de ler e compreender com a mesma facilidade com que as crianças da mesma faixa etária. Todo o desenvolvimento da criança é normal, trata-se de um problema na base cognitiva que afeta as habilidades linguísticas associadas à leitura e a escrita.

Muitos acreditam que a dislexia é o resultado de uma má alfabetização, da metodologia usada nas escolas, despreparação de professores, desatenção do aluno que muitas vezes é rotulado de “burro”, “preguiçoso”, baixa inteligência e que não tem o apoio dos responsáveis. Isto porque em geral os disléxicos têm outras dificuldades de aprendizagem, como que vão poder aprender outras matérias se não sabem ler e escrever? Acabam fracassando em outras disciplinas, mesmo aprendendo a matéria, não conseguem escrevê-la, atrapalhando sua realização pessoal e emocional, dificultando nos processos cognitivos básicos. São crianças sem nenhuma autoestima.

Drout (2003,p.139) diz que para Orton, a dislexia seria explicada por uma inadequada instalação da dominância lateral. Orton inspirou-se nos trabalhos de Broca (o mesmo que descreveu o centro da articulação da palavra em 1865).

Estudos sobre distúrbios da linguagem têm confirmado que no cérebro há áreas responsáveis pelo controle da linguagem, que tem seu controle predominante no hemisfério cerebral esquerdo.

Pain (1992,p.30) acha a dislexia um nome muito sofisticado usado apenas como um bonito nome pra traduzir insuficiências da leitura e escrita.visto que pessoas com dislexia não são incapazes. Tem um distúrbio de aprendizagem que pode ser tratado. Ela não descarta que a dislexia merece uma consideração especial dentro dos diversos problemas de aprendizagem, pois a dislexia é uma das mais comuns deficiências de aprendizagens.

É necessário que pais, professores estejam cientes das dificuldades da criança, para que junto com o orientador pedagógico encontrem estratégias para amenizarem a dificuldade causada pela dislexia.

Nesse caso, Pain (1992, p.31) acredita que quanto mais cedo for diagnosticado, maior êxito terá no tratamento utilizando a estimulação apropriada.

Como a dislexia é um pouco conhecida, muitas vezes as crianças que não aprende a ler, mas dá demonstrações de inteligência no dia-a-dia, pode ser acusada injustamente de falta de interesse, quando na verdade, ela apenas tem um jeito diferente de ser, que reflete a expressão de sua mente.

1.1 Entendendo melhor a dislexia

De acordo com a Associação Brasileira de Dislexia, as causas da dislexia podem ser neurobiológicas e genéticas. Sendo hereditária, qualquer criança disléxica tem sempre um parente disléxico.

Os disléxicos recebem informações em uma área diferente do cérebro, portanto o cérebro dos disléxicos é normal. Infelizmente essas informações em áreas diferentes resultam de falhas nas conexões cerebrais. O resultado é que devido a essas falhas no processo de leitura, eles tem dificuldades de aprender a ler, escrever, soletrar, pois é difícil assimilarem as palavras.

O lado esquerdo do cérebro está diretamente relacionado à linguagem, permitindo que o aluno aprenda normalmente a ler e a escrever. À medida que a criança se familiarize com a leitura, passando a ler com maior facilidade, a outra parte do cérebro passa a se desenvolver, construindo uma memória que reconheça rapidamente as palavras já reconhecidas. Assim o cérebro domina o processo e a leitura exige um menor esforço.

Devido às falhas nas conexões cerebrais, o cérebro dos disléxicos não funciona dessa forma, suas ligações cerebrais não incluem a área responsável pela identificação de palavras e, portanto as crianças com dislexia não conseguem reconhecer instantaneamente palavras que já tenham estudado. A leitura torna-se uma grande dificuldade, pois quase toda a palavra é desconhecida. Só através de muito treino, estímulo e paciência ela conseguirá ler. A dislexia pode ser derrotada, amenizada, mesmo não tendo cura.

Crianças disléxicas que recebem tratamento desde cedo apresentam uma menor dificuldade na aprendizagem da leitura. É de grande importância

afirmar que a dislexia não é superada com o tempo, a criança tem que ter um tratamento apropriado.

Segundo Selikowitz (2001,p.32) para que o termo dislexia tenha algum significado, ele deve ser utilizado somente para crianças que tenham muitas dificuldades para aprender a ler, que estejam fora da média. É normal que a criança enfrente problemas com a leitura, escrita, ortografia, aritméticas no primeiro ou segundo ano, mas após esse período deve atingir um nível básico de competência. Deve-se suspeitar das crianças que pareça estar aquém de suas potencialidades.

Já que detectar o distúrbio da dislexia não é uma tarefa fácil. Há alguns sinais e sintomas que podem indicar a presença da dislexia desde cedo, mas um diagnóstico preciso só é possível a partir do momento que a escrita e a leitura são apresentadas formalmente à criança. Entre os sinais mais comuns é a percepção tanto para pais e professores que os portadores de dislexia encontram facilidades em coisas geniais e ao mesmo tempo dificuldades básicas, durante o processo da aprendizagem. Como o distúrbio é comprovadamente genético, os especialistas afirmam que as crianças podem ser avaliadas a partir do cinco anos de idade principalmente porque a dislexia perdura ao longo de toda a vida. Mesmo sendo controlada, os disléxicos devem ter um tratamento adequado e principalmente uma boa dose de esforço individual para conseguir desenvolver estratégias que compensam a dificuldade e facilitar a vida escolar. Normalmente cabe ao professor e o orientador pedagógico com formação ou informação em dificuldades de aprendizagens indicar o aluno para o psicopedagogo escolar, que é o profissional indicado para comunicar o problema aos pais e atuar como

mediador entre eles e os diferentes profissionais que podem avaliar clinicamente o distúrbio.

Considerando que não é uma doença, o disléxico tem que ser visto como uma criança inteligente, sem problemas neurológicos nem psiquiátricos. Seu cérebro apenas tem uma pequena área específica do hemisfério lateral-direito mais desenvolvida e que funciona de forma peculiar, dificultando a associação dos símbolos gráficos.

A partir do diagnóstico, o que se torna importante é a linha adotada pelo profissional (ou profissionais) que vai tratá-la. Entre os vários métodos adotados, a Associação Brasileira da Dislexia aconselha a terapia multissensorial, cumulativa e sistemática que trabalha todos os sentidos ao mesmo tempo (como o disléxico assimila facilmente tudo que é vivenciado concretamente, ele pode ser treinado para ler e ouvir, enquanto escreve, por exemplo) o tratamento normalmente é feito por fonoaudiólogos, psicopedagogos e psicólogos especializados no assunto.

1.2 Sinais e características da dislexia

Quando pedimos para uma criança disléxica produzir um texto por menor que seja, notamos uma dificuldade na organização do pensamento para a escrita. Além de trocas de letras, tem uma escrita muitas vezes ilegível, devido também a dificuldade da coordenação motora. Algumas crianças com dislexia também tem dificuldades em calcular. Além dos distúrbios próprios da dislexia , as crianças podem apresentar problemas de linguagem como demora no desenvolvimento e dificuldades em articular as palavras.

Selikowitz (2001.p.50) diz que são muitos os sinais que identificam a dislexia. Crianças disléxicas têm dificuldades em identificar fonemas e reclamam que ler é muito difícil, tem dificuldades em soletrar, em ler em voz alta e memorizar palavras, elas também confundem palavras. Suas habilidades aritméticas são afetadas, ela parece confusa quando lhe pedem para fazer cálculos que se espera de uma criança de seu nível de escolaridade. A criança tem grandes dificuldades para aprender o significado das operações aritméticas, como adição, subtração, multiplicação e divisão.

Quase sempre a dislexia leva a outras dificuldades de aprendizagens como: Discalculia – dificuldade em aprender aritmética, reconhecer numerais, resolver problemas. As crianças com dislexia apresentam um grande obstáculo para ler os enunciados, mas são capazes de fazê-los quando lido em voz alta. A discalculia impede a compreensão dos princípios e processos matemáticos, como o reconhecimento dos numerais não relacionando símbolos à quantidade. Com ajuda ele reconhece e consegue resolver problemas, quando alertadas quanto o tipo de operações que deverá utilizar. Sem a colaboração de um mediador não consegue determinar o processo, invertendo os números das operações ou a sequência dos mesmos.

A discalculia quando diagnosticada nas primeiras séries iniciais é corrigida facilmente com uma reeducação apropriada e atividades interessantes.

Disgrafia – atraso no desenvolvimento da linguagem escrita, principalmente cursiva, é muito difícil para o disléxico usar os símbolos gráficos para exprimir ideias, existindo vários tipos de disgrafia, desde a dificuldade de segurar o lápis, ou seguir traçados, ligar pontinhos. Quando bem trabalhados

conseguem reproduzir palavras, no início com distorções na sequência dos movimentos, sem respeitar margens, amontoando letras, palavras ou separando-as erradamente. Tendo uma caligrafia difícil de entender, precisando muitas vezes ser adivinho para conseguir identificá-la, a escrita é extremamente pobre com dificuldades de realização dos movimentos motores necessários à escrita.

Disortografia – dificuldade na expressão da linguagem escrita, havendo trocas ortográficas e confusões de letras. É incapaz de apresentar uma escrita correta, de palavras confundem as letras, trocam sílabas, letras, sons.

Trocas auditivas; f-v/ p-b

Trocas visuais: b-d/p-q

Normalmente a disortografia é revelada por frases incorretamente construída, normalmente associada a atrasos na compreensão e na expressão da linguagem escrita.

Formulação de sintaxe – Dificuldade de colocar as ideias em ordem, pode ser um bom orador, porém não consegue transmitir através da escrita, suas ideias, seus pensamentos, sendo um grande obstáculo para a formulação de uma produção de um texto. Estas crianças conseguem ler, compreendem o que está sendo lido, mas é muito difícil escrever cartas, bilhetes, versos e o pior não consegue dar respostas a perguntas escritas em provas, principalmente quando é necessário fazer à justificativa das mesmas.

Martins (2007) afirma que a dislexia não tem cura, mas existem tratamentos que permitem que as pessoas aprendam estratégias para ler e entender. A maioria dos tratamentos enfatiza a assimilação de fonema, o desenvolvimento do vocabulário, a melhoria da compreensão e fluência da

leitura. Ajudar o disléxico a melhorar sua leitura é muito trabalhoso e exige muita atenção, mas toda criança disléxica necessita de apoio e paciência, pois essas crianças sofrem de falta de autoconfiança e baixa autoestima, pois se sentem menos inteligentes que seus amigos.

Infelizmente nem todos os professores estão preparados para lidar com crianças disléxicas. As crianças com dislexia não são tratadas como as demais que se enquadram perfeitamente cumprindo na aprendizagem o planejamento feito pelo professor. Essas crianças ainda são maltratadas quando avaliadas comparativamente como as outras crianças não disléxicas. É preciso muita atenção para que os professores compreendam suas dificuldades, sua lentidão em vez de taxá-las de lentas e preguiçosas, são maltratadas, a abandonam, a desprezam, a condenam sem se sensibilizar com suas dificuldades levando-as a evasão escolar.

O orientador pedagógico antes de mais nada tem que oferecer a estas crianças e a seus educadores (pais, responsáveis, professores) a informação que a dislexia é uma dificuldade de aprendizagem e que se deve dar oportunidades para que o aluno aprenda usando estratégias fáceis e simples.

Segundo Laurenti (2000,p.67), o orientador pedagógico e professores precisam trabalhar juntos. É preciso que professores sejam preparados para a elaboração de um saber, saber este que não é isento de preconceitos que atuam nele e por meio dele. É importante fazê-los perceber que o saber não está completo, que não há respostas para tudo.

Aprender é um ato da vida e para aprender é necessário alguém que ensine e alguém que aprenda, mediados por uma ação vincular. Não podemos nos esquecer de que, muitas vezes, o aprendente/aluno fracassa, mas também os ensinantes/professores fracassam. (LAURENTI, 2000.p.31)

É necessário, caminhar sempre juntos, o orientador pedagógico deve propor trabalho onde as atividades sejam significativas, escolhendo atividades com contínua dinâmica e interação entre as condições cognitivas do aluno e as intervenções pedagógicas do professor frente à dificuldade do aprendiz.

São muitas as causas que precisam ser corrigidas , no entanto são poucos os profissionais que conhecem e entendem os problemas e suas possíveis correções e soluções.

Pain (1992,p.27) ressalta que quando há um problema de aprendizagem, pode-se ter uma significação. Sempre é preciso definir o sintoma, portanto para diagnosticar a dificuldade, é preciso dar palavra à mãe, ao pai e principalmente, à criança. É preciso escutá-la. Precisa-se saber o que se passa, compreender a capacidade de construção de aprendizagem.

Não é só a possibilidade de aprender, isto é, de saber qual é o movimento adequado para conseguir um fim, mas também a de alcançar um domínio do próprio corpo capaz de agir de maneira eficaz.(PAIN, 1992.p.31)

Os professores, em sua grande maioria ainda não estão preparados para reconhecer a forma como ocorre a aprendizagem do aluno, contribuindo cada vez mais para o fracasso escolar, dificultando seu desenvolvimento. Um aluno com dificuldade de aprendizagem carrega uma pesada cruz de não saber o que fazer com suas limitações. São bombardeados em cheio na sua autoestima quando lhe é oferecido o mesmo modelo de provas, mostrando o quanto são preguiçosos, lentos, desqualificados.

Maltratando-os quando não compreendem suas dificuldades, o seu jeito de aprender. E pior do que isso quando não respeitam ao avaliá-los dando notas morais e sociais através de seu desempenho escolar sem ao menos imaginar que nisso existe um ser desejante do saber que sofre, principalmente ao compará-los com as crianças sem dificuldades de aprendizagem.

O orientador pedagógico durante o processo de intervenção atua com o objetivo de diminuir a defasagem, propondo ao professor que este desempenhe seu papel com segurança valorizando o potencial já existente no educando por meio de diferentes propostas, procurando transformar suas experiências e desencadeando o desejo de aprender.

1.3 Alguns sinais que podem indicar a dislexia

De acordo com José e Coelho (1989, p.91), o professor que deseja ajudar seus alunos minimizando os problemas referentes à dislexia sabe que é necessário encaminhá-los para tratamento e colaborar nesse tratamento, pois muitos conflitos e frustrações acompanham o disléxico, pois sendo ele normal intelectualmente, as expectativas da família são sempre muito grande, criando uma situação emocional que tende a se agravar, especialmente em função das injustiças que costumam sofrer.

As principais dificuldades apresentadas pelas crianças disléxicas, de acordo com a Associação Brasileira de Dislexia (ABD), são:

- Histórico familiar de problemas de leitura e escrita.
- Frases confusas
- Impulsividade em agir
- Uso excessivo da mesma palavra
- Nomeação imprecisa
- Dificuldades de lembrar cores e nomes de objetos
- Confusão no uso de palavras que indicam direção, como: dentro/fora, em cima/ em baixo, direita/esquerda, fora/dentro
- Fraco desenvolvimento de atenção
- Confunde conceitos como: ontem, hoje, amanhã
- Não guarda datas (nem de se aniversário)
- Dificuldade especial em aprender a ler e a escrever.

- Dificuldade em aprender sequências como alfabeto, numerais, dias da semana, meses do ano...
- Dificuldade continuada como amarrar cadarço
- Dificuldade em agarrar bola ou acertá-la no cesto
- Dificuldade em andar em linha reta
- Reversão de letras e números (13-31 / b-d)
- Dificuldades na articulação de palavras polissílabas
- Ler sem compreensão
- Escrita incorreta
- Lentidão para trabalhos escritos
- Dificuldade de copiar do quadro ou livro
- Falta de interesse em ler, só se interessa pelas figuras
- Dificuldade em montar quebra cabeças
- Dificuldade em memorizar versos
- Vocabulário muito pobre
- Escassez de conhecimentos prévios (memória de longo prazo)
- Inversão de sílabas
- Omissão de sílabas
- Dificuldade na discriminação de fonemas
- Modificação de sons: lalito com palito
- Escrita em espelho
- Letra ilegível
- Confusão entre letras, sílabas ou palavras
- Adição ou omissão de sons
- Repetição de sílabas, palavras ou frases

- Pular uma linha, retroceder para a linha anterior e perder a linha ao ler
- Reconhecer letras mas não organizar palavras
- Atraso nas tarefas de leitura e escrita, mas não nas orais
- Dificuldades em rimas
- Dificuldade em associações
- Dificuldade em memorizar números de telefones
- Esquecer de dar recados
- Esquecer de efetuar tarefas
- Dificuldade em organização das tarefas
- Dificuldades em cálculos mentais
- Persistência no mesmo erro
- Dificuldade em escrever palavras ditadas
- Aprendizagem lenta
- Dificuldades em seguir regras
- Problemas de motivação cultural
- Deficiente desenvolvimento da linguagem
- Problemas de comunicação verbal
- Dificuldades na sequência de sons
- Problemas de grafismo
- Dificuldade na leitura oral
- Na realiza corretamente as separações de sílabas
- Dificuldades no uso de plurais e verbos
- Confusão na configuração de palavras
- Demora a aprender a falar, a fazer laços nos sapatos, a reconhecer as horas, a pegar e a chutar bola, a pular corda.

Esses são alguns dos sintomas verificados em crianças com dislexia, não querendo afirmar que todos os disléxicos tenham todas as características citadas acima. No momento que o professor identificar uns oito sintomas já pode encaminhá-lo para o serviço de orientação pedagógica, pois mesmo não tendo dislexia pode indicar outras causas, como afirma Fonseca (1996.p.114):

- Imaturidade sensorial
- Imaturidade psicomotora
- Imaturidade psicolinguística
- Privação cultural
- Má qualidade de vida familiar
- Inoportunidade pedagógica

Ainda teremos, segundo Fonseca (1996.p.117) causas exteriores à criança (exógenas), onde o desenvolvimento é predominante e causas da criança (endógenas) onde se refletem em termos de desenvolvimento e de dificuldades de informação.(...) Passamos a diferenciar os diferentes tipos de causas que têm sido apontados em inúmeros trabalhos de investigação.

Dentro das causas exógenas, pode-se realçar;

- Má frequência escolar
- Deficiente orientação pedagógica
- Recusa do ambiente escolar (oposição)
- Falta de aprendizagem imediata
- Falta de hábitos de trabalho
- Inexistência de ensino infantil
- Problemas de motivação social

Dentro das causas endógenas, pode-se destacar:

- Carências instrumentais
- Dificuldades de processamentos da informação visual e auditiva
- Imaturidade psicomotora, com problemas de imagem do corpo
- Deficiente desenvolvimento da linguagem ou imaturidade psicolinguística, expressão limitada, vocabulário diminuto, problemas de comunicação verbal
- Problemas orgânicos e genéticos que se podem refletir na dificuldade de aprendizagem, como sejam, por exemplo: Problemas no sistema nervoso cerebral , disfunções cerebrais, diabetes, anomalias enzimáticas, afecções congênitas dos elementos constituintes do sangue, etc.
- Hipersensibilidade, superestimulação e hiperatividade com problemas global de atenção (Ong 1968).

Como afirma Fonseca (1996.p.109): “A dislexia, normalmente não aparece isolada, ela surge integrada numa constelação de problemas que justificam uma deficiente manipulação do comportamento simbólico que trata de uma aquisição simbólica exclusivamente humana.”

Cabe um novo olhar para auxiliar esse aprendiz, iluminando o seu caminho diante dos desafios a serem vencidos, fazendo que o mesmo possa vir a ser e a fazer parte de um processo mais amplo de ensino. As dificuldades de aprendizagens podem ser observadas como oportunidades de aprendizagens para todos: aluno, família, escola, professores.

Existem fogueiras grandes e pequenas e fogueiras de todas as cores. Existe gente de figo sereno, que nem percebe o vento, e gente de fogo louco, que enche o ar de chispas. Alguns fogos, fogos bobos, não alumiam nem queimam: mas outros incendeiam a vida com tamanha vontade que é impossível olhar para eles sem pestanejar, e quem chegar perto pega fogo. (GALEANO, 1997).

Ninguém é igual a ninguém. De acordo com Galeano somos fogueirinhas diferentes, cada qual com suas características, umas iluminam mais, outras menos, porém todas com tua luz própria. Só que em uma sala de aula o que se busca são as semelhanças. E assim para que a constelação de problemas não aumente, cabe ao profissional um olhar sensível, capaz de identificar as diversidades. As diferenças em sala de aula podem se tornar mediadoras para viver experiências criativas e lúdicas em que coloca o aluno com dislexia em situação de constantes desafios, oferecendo melhores condições de superá-los.

Deve-se buscar nas dificuldades o que o aprendiz tem de melhor, sendo fundamental tentar entender o processo do aprender, estimulando seu desenvolvimento visando novas alternativas de ação voltadas para a prática pedagógica na escola. Um problema de aprendizagem deve sempre ser trabalhado de uma maneira mais ampla procurando sempre estratégias para facilitar sua aprendizagem conforme os estilos diferentes de aprendizagem de seus alunos.

CAPÍTULO II

AS INTERVENÇÕES PEDAGÓGICAS

O orientador pedagógico deve auxiliar o professor a planejar regularmente atividades que propiciem liberdade de ação às crianças, promovendo um ambiente relacional, oferecendo-lhes condições de superar as dificuldades e principalmente conhecendo a importância das brincadeiras no desenvolvimento da criança.

É necessário estimular a participação ativa e a imaginação criativa, para que também elas possam crescer junto com as crianças.

O orientador pedagógico antes de mais nada deve oferecer a estas crianças e a seus educadores (pais, responsáveis, professores) a informação que a dislexia é uma dificuldade de aprendizagem e que devemos dar oportunidades para que o aluno aprenda usando estratégias fáceis e simples. O orientador e professor precisam trabalhar juntos.

2.1 O papel do orientador pedagógico no auxílio ao professor com o aluno disléxico

Sendo a aprendizagem, o objeto do estudo da pedagogia, bem como as dificuldades, ou seja, o que facilita ou não a construção do conhecimento da criança, evitando dessa forma o fracasso escolar e favorecendo a aquisição do conhecimento, realizando intervenções, atuando nos transtornos de

aprendizagem, levando dessa forma o aprendiz a reintegrar-se a vida escolar normal, de acordo com suas possibilidades e interesses. O orientador pedagógico pode auxiliar aos professores a entenderem e respeitarem a forma da aprendizagem do aluno disléxico. Essa intervenção dentro do ambiente escolar possibilita uma leitura mais próxima da realidade do dia a dia da criança na escola, podendo assim oferecer-lhe oportunidades diferenciadas de aprendizagem.

Já que a pedagogia integra várias disciplinas que se propõe a compreender o processo de dificuldade de aprendizagem, estudando o ato de aprender e ensinar, levando em conta as experiências do educando, já que o sujeito é um conhecedor ativo e o conhecimento é construído por suas ações. O orientador pedagógico trabalha junto aos professores os conhecimentos científicos a partir da realidade de seus alunos, para que o educando construa por si próprio e junto ao professor, que deve ser um mediador na investigação, que permita que o pensamento de quem aprende converta os conhecimentos em si próprios; respeitando os processos e limites do aprendiz. Descobrir o prazer de construir o seu próprio desenvolvimento, favorecendo desde o início, uma aprendizagem mais significativa e prazerosa.

Precisando estar atento ao que ocorre entre os outros e com os outros para explicar a aprendizagem e o desenvolvimento das pessoas, observando o que pode desencadear dificuldades de aprendizagens, portanto é mais do que necessário uma visão ampla e abrangente dos envolvidos na situação, para que se possa intervir adequadamente.

Neste caso, cabe ao orientador pedagógico, juntamente com a equipe, pesquisar, estudar, refletir e levar o professor como se processa o

conhecimento, quais as habilidades e interesses dos alunos, sugerindo estratégias e recursos no que diz respeito às dificuldades que o aluno poderá apresentar em relação à dislexia.

O orientador pedagógico deve propor trabalho onde as atividades sejam significativas. As escolhas das atividades exigem uma contínua dinâmica entre as intenções cognitivas dos alunos e as intenções pedagógicas do professor frente às dificuldades do aluno, pois quando um distúrbio de aprendizagem envolve áreas básicas de linguagens como a dislexia que não é isolada, afirmando o que Fonseca já disse, que é uma constelação de problemas, pode tornar doloroso esse processo, tanto para o professor quanto para o aluno, porém com uma aula mais criativa, onde errar é também uma forma de aprender, a criança pode redescobrir suas capacidades. Através de um trabalho paciente e constantemente variado poderá prestar a criança à ajuda que tanto precisa, estimulando a aprendizagem e sua autonomia.

Deve-se evitar a exclusão, estimulando-o sempre pelo seu esforço, para que ele acredite que é capaz de realizar-se tanto na fala, escrita e leitura. As dificuldades de leitura e escrita podem resultar em obstáculos nos processos cognitivos básicos. São impedimentos que podem atrasar o desenvolvimento do aluno.

A motivação é muito importante para a criança disléxica, pois ao se sentir limitada, inferiorizada, ela pode se revoltar e assumir uma atitude de negativismo. Por outro lado quando se vê compreendida e amparada, ganha segurança e vontade de colaborar.(JOSE e COELHO 1998, p.91)

O professor deve ter a certeza que a valorização da autoestima passou a ter uma relevância maior, tendo em vista que a fragilidade, ou seja, a baixa estima atrapalha a boa aprendizagem criança, conseqüentemente, comprometendo a sua sobrevivência em um mundo extremamente desafiador e competitivo. Por isso é importante que o professor valorize seus conhecimentos, de modo a não causar a evasão escolar, o auto índice de insucesso escolar, pode ter a ver com preconceito, discriminação.

O fracasso escolar atinge não só o aluno, atingindo também sua família e o meio social gerando problemas emocionais, comportamentais, familiares e sociais, comprometendo ainda mais o processo de aprender. O disléxico tem que acreditar em suas possibilidades, capacidades elevando sua autoestima.

Se aceitarmos e valorizarmos nossos alunos, se os considerarmos capazes de desenvolver competências e habilidades necessárias para lidar com seus estudos e se os julgamos suficientemente importantes para reservamos tempo para ouvi-los, contribuiremos para que desenvolvam padrões consistentes e realistas, sintam-se encorajados a não se intimidar com o fracasso e aprendam a agir de forma independente e responsável. (ANTUNES, 2003, p.23-24)

Diante disso, pode-se dizer que uma criança desenvolve sua autoestima, à medida que é reconhecida como tal, única, singular, com necessidades educacionais específicas. Nessa perspectiva cabe ao orientador pedagógico e o

professor ajudar cada aprendiz a descobrir-se, a aceitar-se, levando-o a se sentir confiante e apto a enfrentar as dificuldades do aprender.

É com essa preocupação que surge a necessidade de se analisar a importância da autoestima, e de como esta pode contribuir para o desenvolvimento do aluno disléxico.

A Psicogênese é de grande ajuda, pois para Piaget há três princípios que podem ajudar o professor na sala de aula:

- Respeito à produção do aluno – qualquer indivíduo pode aprender.
- Espaço para testar suas hipóteses – só conhecemos quando agimos, dependemos da ação e para exercitá-la é necessário espaço, para fazer perguntas, testar as respostas, interpretando a realidade e conhecendo sua capacidade.
- Trabalho em grupo – o lado cooperativo, a ajuda, a integração, e um pouco mais além, ajudando na formação de indivíduos sociais, construindo o seu aprender num processo coletivo.

No seu livro *A psicogênese da língua escrita*, Emília Ferreiro (1999, p.56) mostra como que as crianças expressam uma enorme variedade de ideias e hipótese demonstrando não só como pensam, mas principalmente o modo como são tocadas pelo universo das letras. E esse universo é formado pelos contos de fadas, poemas, revistas infantis, parlendas, cantigas... mostrando que as crianças já chegam à escola com uma grande bagagem cultural, não chegam vazias, sem saber nada sobre a língua. De acordo com Ferreiro, toda criança passa por quatro etapas até que esteja alfabetizada. Para Ferreiro, existe um sujeito que conhece.

Mesmo tendo dislexia, o aluno tem muita coisa a oferecer, o orientador pedagógico e o educador devem estar sempre atentos para promover a aprendizagem. Principalmente aos alunos com dislexia é muito importante oferecer atividades em que a escrita e leitura torne o desejo de sua aprendizagem, através de métodos criativos e simples, ninguém deverá ficar isolado brincando de roda, Pai Francisco, chicotinho queimado, e outras ideias simples que automaticamente vai levantando a autoestima do aluno disléxico.

O objetivo de Ferreiro é integrar o conhecimento espontâneo da criança ao ensino dando-lhe maior significado. E a aprendizagem será um prazer, uma grande e gostosa brincadeira, onde o aluno participa constantemente desenvolvendo e construindo seu conhecimento.

Segundo Weis (1999.p.48): “Não é porque o aluno participa de forma direta da construção do seu conhecimento que o professor não precisa ensiná-lo”. O mediador deve organizar materiais, atividades que motivem o pensamento, a reflexão da escrita, pois só pensando, se exercitando que o aluno irá aprender. Com situações naturais, durante as atividades rotineiras em sala de aula nas quais os alunos interagem, ao recontarem histórias conhecidas, reconhecem rótulos da própria merenda...e assim o mediador deve interrogar a criança a partir daquilo que ela diz, das ideias que constrói.

O orientador pedagógico tem que lembrar ao professor que em um ambiente propício para a construção da aprendizagem não é um lugar cheio de coisas escritas, paredes cheias de cartazes, e sim que é um espaço aberto às mais variadas linguagens: oral, escrita, corporal, gráficas... um lugar de diálogo, que tenha muita fala, muita leitura, onde textos possam ser produzidos em grupos ou individualmente, sempre introduzidos com sentidos

reais para o aluno. Ler e escrever são interagir, participar, estabelecendo a correspondência entre o texto e a vida. A comunicação, informação, expressão, não deve aparecer simplesmente com o objetivo de levar o aluno a ler e a escrever e sim, devem desde o mais cedo possível exercer funções reais, que façam parte da rotina da criança ampliando as práticas já vividas criando condições para que sejam descobertas e compreendidas introduzindo-a na vida social, que coincide com a ampliação de seu meio de relação resultando em um processo de interação social da criança disléxica com o meio ambiente, a sociedade.

O orientador pedagógico deve orientar ao professor que o aluno não é um ser passivo e nem o professor é todo o poderoso, aquele que tudo sabe, o dono do saber, que ministram aulas expositivas, avaliam seus alunos por valores absolutos e administram suas aulas por meios de uma pedagogia de pavor.

Com a ajuda da Pedagogia, o professor começa a despertar competências, conhecendo diferentes estratégias para a participação integral de seus alunos e administrando aulas com alegria e total envolvimento, agregando valor à sociedade, assumindo a condição de facilitador, oferecendo oportunidades de construção de conhecimentos. Sabendo que é preciso uma nova ação educativa para fortalecer a autoestima e respeitar o ritmo, o limite de cada aprendiz, buscando igualdade entre professor e alunos, onde ambos aprendem, trocam experiências, dando oportunidade de reflexão acerca do mundo formando-os críticos e participativos.

É preciso que o orientador pedagógico saiba lidar com as diversidades, e para isso, terá que dar a si próprio, a oportunidade de desenvolver seu trabalho

aceitando possíveis limitações, em uma prática educativa que visa o desenvolvimento das potencialidades dos educandos, respeitando seus estágios, valorizando seus conhecimentos e os reconhecendo como sujeitos capazes de transformar a si e a sociedade que vive.

Assim o aluno é despertado para um senso de autonomia , participando, interagindo, formando-se uma pessoa crítica e criativa, tentando lutar por uma sociedade mais justa. Crianças educadas construindo o seu próprio conhecimento tendem a se tornar um adulto participativo e atuante não aceitando as injustiças com um simples balançar de cabeça.

O orientador pedagógico deve ajudar o professor explorar os meios mais viáveis para a aprendizagem. Não esquecendo que a aprendizagem deve ser um prazer. E que as escolhas das atividades exigem uma contínua dinâmica entre as intenções pedagógicas do professor frente às dificuldades do aluno, pois o cansaço, a falta de perspectiva, pode acarretar um distúrbio de aprendizagem, podendo tornar doloroso tanto para o professor como para o aluno, porém uma aula mais criativa, onde errar é também uma forma de aprender, oferece aos disléxicos a chance de redescobrirem suas capacidades. Através de um trabalho paciente e constantemente variado poderá prestar aos disléxicos à ajuda que tanto precisa, estimulando a aprendizagem e sua autonomia. E para isso terá que dar aos professores a oportunidade de desenvolver seu trabalho aceitando possíveis limitações, em uma prática educativa que visa o desenvolvimento das potencialidades do educando, valorizando seus conhecimentos e os reconhecendo como sujeitos desejantes do saber.

Deve-se evitar sempre a exclusão, estimulando-o sempre pelo seu esforço, para que ele acredite que é capaz de realizar-se tanto na fala, escrita e leitura.

Luckesi (2005, p.18), acredita que: “a educação tem a ver com o prazer de aprender, de entender, de buscar, de saber fazer, de construir, de desafiar”.

A presença do orientador pedagógico ao lado do professor sustentará um olhar atento e desafiador , permitindo que o aluno experimente outros processos utilizando recursos cognitivos, afetivos e sociais. Levando aos professores a romperem com a formalidade na prática pedagógica e colocarem o “coração” no caminho do crescimento, do conhecimento e insistirem inventando e reinventando possibilidades para que os seus educandos aprendam, porque para desenvolver-se é importante que aprendam significativamente sobre tudo o que se passa diante de seus olhos. Muitas vezes parece difícil, mas se o coração estiver lá, tudo se torna fácil, inventa e flui. Está é a verdadeira educação, para ensinar tem que aprender e não deixar de ousar, não ter medo, as crianças principalmente com dificuldades de aprendizagem sofrem e o papel do educador é ajudá-la.

“Se nosso caminho tiver coração, ele guiará
nossa ação, que será via eficaz e nada
formal”. (Luckesi)

2.2 Dificuldades encontradas pelo orientador pedagógico

As crianças com dislexia não são tratadas como as demais que se enquadram perfeitamente nos objetivos esperados pelos professores durante a confecção de seu planejamento. Essas crianças são maltratadas, quando avaliadas comparativamente como as outras crianças não disléxicas, lógico que a nota será muito inferior. A maioria dos professores não compreende suas dificuldades dizendo que só sabem atrapalhar a aula, algumas são agitadas

(lógico, se não consegue acompanhar a aula, não tem motivação...acabam incomodando) .

Elas são maltratadas quando a abandonam, a desprezam, a condenam simplesmente logo no primeiro bimestre. Rapidamente batem o veredicto: tem dificuldade de fazer uma cópia? Tem uma letra que ninguém entende? Não consegue fazer um ditado? Desenvolver uma redação? Não sabe ler como os outros da mesma idade e série? Vai repetir na certa!

Fonseca (1996, p.141), afirma que o ensino inapropriado vem provar que muitas dificuldades de aprendizagem não são devidas à criança nem à sociedade, mas sim ao ensino. As crianças ficam infelizes quando não conseguem aprender, esta falta ou agravamento da aprendizagem está relacionado aos métodos e técnicas de ensino ineficientes.

Muitas vezes esse comportamento do professor acaba prejudicando o diagnóstico, prejudicando o início do tratamento, já que existem diversas abordagens terapêuticas para esse transtorno, principalmente apoio psicopedagógico especializado. Diagnóstico este que não é feito por adivinhações e sim através de um contato com a orientação pedagógica para maiores observações sobre o aluno. Chamando os responsáveis e solicitando um diagnóstico com uma avaliação global.

Muitos professores ainda não reconhecem o valor da orientação pedagógica no tratamento das dificuldades dos educandos, vendo-os muitas vezes como inimigos, fofoqueiros, intrometidos. Muitas vezes cabe ao orientador pedagógico observar se não há falhas no professor, se o método não está coerente, se a aula é monótona e não interessa a criança, se o professor está realmente desenvolvendo exercícios que favoreçam a habilidade de atenção, se

o professor está excluindo alunos, favorecendo outros, o jeito de avaliar cada aluno e não a turma. Eles sentem-se incomodados não entendem que o orientador pedagógico está na escola para adicionar e não para prejudicar o professor. Tem que haver parceria.

Estudando o ato de aprender e ensinar, a pedagogia leva sempre em conta as realidades da aprendizagem, procurando estudar como ocorre a construção do conhecimento em toda sua complexidade, ou seja o que facilita e o que dificulta a aprendizagem, evitando o fracasso escolar e facilitando os processos da aquisição do conhecimento, realizando intervenções, atuando junto aos professores, atuando nos transtornos de aprendizagem levando dessa forma o aluno a reintegrar-se a vida escolar normal, segundo suas potencialidades e interesses, concebendo a criança como um ser ativo, inteligente que constrói seu conhecimento interagindo com o ambiente no qual faz parte e para que isso aconteça o orientador pedagógico necessita do apoio do professor para que juntos possam fazer o melhor, com um ensino dinâmico, vivo, capaz de atuar em situação de interagir facilitando o conhecimento. O grande desafio do orientador pedagógico é mostrar aos professores que a educação requer ação, então o orientador deve descobrir junto ao professor estratégias e recursos para fazer com que os alunos se interessem em aprender. Considerando as atividades lúdicas que envolvam brincadeiras, fornecendo vários estímulos. Incluindo dramatizações, músicas, jogos e construções que desenvolvam a criatividade e a autoestima. Propondo trabalho onde as atividades sejam significativas e motivadas.

De uma vez para sempre a escola tem de compreender e reconhecer que 15% das crianças não podem aprender pelos métodos tradicionais. Não nos parece justo que cerca de 15% das crianças sejam marginalizadas porque não aprendem pelo método ou ao ritmo imposto pelos professores ou pelos currículos. Quantas crianças consideradas maus alunos continuarão a perder? (FONSECA, 1996, p.232)

Pesquisas mostram que 15% a 20% das crianças em idade escolar sofrem com dificuldades de aprendizagem e 10% delas são disléxicas. É um número muito alto para que nada possa ser feito com a ajuda dos professores, principalmente quando se percebe professores que não querem mudar e o pior, não acreditam na mudança, ou melhor dizendo: não acreditam em suas próprias possibilidades de resgatar a prática do ensinar com prazer, propiciando aos disléxicos o manuseio de livros, desenvolvendo aspectos sensoriais, emocionais e intelectuais de uma forma bem mais dinâmica e afetiva. A Motivação é muito importante para o aluno disléxico, que precisam de tratamento paciente e constante.

Mas muito pode ser feito para ajudar ao aluno com dislexia, além de ser pouco conhecida. Mesmo tendo uma grande dificuldade de leitura, dá demonstrações de inteligência no seu dia a dia, sendo quase sempre acusado injustamente de falta de interesse, quando na verdade, é a dislexia que reflete a expressão individual de sua mente.

O professor deve sentir no orientador pedagógico um parceiro, alguém que quer ajudar, acrescentar.

2.3 A atuação pedagógica e a aprendizagem escolar nas crianças disléxicas

Quem nasce com dislexia, somente com tratamento adequado e uma boa dose de esforço individual, consegue desenvolver estratégias que compensam a dificuldade e facilitam a vida escolar. Considerando que a dislexia não é uma doença, o disléxico tem que ser visto como uma criança de inteligência normal, que não apresenta doenças neurológicas nem psiquiátricas. Seu cérebro apenas tem uma área específica do hemisfério lateral direito mais desenvolvido, dificultando as associações dos símbolos gráficos com o som que representam.

Em seu livro “A construção do Afeto”, Celso Antunes (2002, p.43) afirma que “A inteligência é estimulável e a ação das pessoas e dos ambientes sobre as crianças pode ampliar de forma maravilhosa seu potencial biológico.”

Gardner (1998) estabelece critérios ou sinais para definir uma competência como inteligência. Ao falar de oito inteligências este autor não incluiu uma ou outra meramente por apresentar um dos sinais, mas por ter identificado em cada uma delas oito sinais. Ele admite que existem oito inteligências e estabeleceu oito critérios para selecioná-las; linguísticas (escritor, poeta, compositor... constroem imagens com palavras e linguagens), lógico-matemática (físicos e grandes matemáticos, mas também se mostra na

simplicidade com que um mestre de obras, às vezes analfabetos, lê interpreta o desafio e uma obra a ser construída), inteligência espacial (arquitetos, marinheiros, geógrafos... percebem o espaço e o administram na utilização e construção de mapas e outras formas de representação gráficas), musical (está ligada a percepção de sons e música como forma de conhecer o mundo), sinestésico-corporal (linguagem gestual e mímica, se apresenta muito nos artistas e atletas), naturalista (está ligada a compreensão do ambiente e a paisagem natural) interpessoal (bom relacionamento com os outros, professores, terapeutas) e intrapessoal (vivem bem consigo mesmo, tendo ótima autoestima.

Na linguística, Martins (2007) diz que: “ A dispedagogia, é a ausência de método eficaz no ensino escolar, é apontada hoje como mais importante causa do fracasso escolar...acabando por gerar ao longo dos anos uma série de distúrbios relacionados à dislexia”.

A pedagogia tenta melhorar esse fracasso, sugerindo aos professores intervenções pedagógicas para o problema de dislexia, disgrafia ou disortografia, amenizando a dificuldade, que não significa a superação da dislexia, como já foi dito, tem que ser feito um trabalho indisciplinar, abrangendo outros profissionais.

Mesmo assim, o professor não deve deixar de sonhar, de tentar ser o principal facilitador do processo reeducativo.

Alguns dos disléxicos mais famosos, confirmando a tese das múltiplas inteligências de Gardner:

- Agatha Christie – A famosa escritora de romances policiais disse: “Eu por mim mesma, sempre me reconheci como a mais lenta da família. Isto era inteiramente verdade e eu aceitava”.
- Albert Einstein – O grande cientista enfatizou: “Quando eu lia, somente ouvia o que estava lendo, e era incapaz de lembrar a aparência visual da palavra que lia”.
- Hans Christian Anderson- autor de livros infantis e da fábula “O patinho feio”, uma história que reflete estados psicológicos de um disléxico severo, com baixa autoestima, mas com consciência de seu potencial. Andersen teve sérias dificuldades na escola e durante toda a sua vida, não conseguiu aprender a soletrar nem a escrever. Todas as suas histórias foram ditadas.
- Leonardo Vinci – O homem considerado gênio universal, segundo registros históricos, disse: “Você poderia preferir um bom cientista sem habilidades literárias, a um literato sem conhecimentos científicos”.
- Magic Jonnson- O jogador norte americano de basquete, destaque da década de 80 na NBA, traduziu sua frustração dizendo “ Os olhares as celebridades, os sorrisos...Eu queria mostrar a cada um que eu podia fazer o meu melhor, mas também que eu era capaz de ler “
- Thomas Edison- O maior inventor de todos os tempos admitiu “A mais satisfatória forma de arrebatamento é pensar, pensar e pensar”.
- Winston Churchill – O primeiro ministro britânico, estadista, escritor, pintor armador e um dos personagens do século XX, que atingiu a

celebridade como campeão da resistência contra a opressão de Hitler, no início da Segunda Guerra Mundial, ao jurar que jamais se renderia as forças nazistas em vida desabafou : “Fui totalmente desestimulado em tudo em meus dias de escola. E nada é mais desencorajador do que ser marginalizado em sala de aula, o que leva a nos sentirmos inferiores em nossa origem humana”.

De acordo com Giroto (2001,p.50), com a devida orientação, a aluno conseguirá ser bem sucedido em classe. A compreensão e a assimilação da matéria são mais prováveis se houver clareza, repetição, variedades e flexibilidades no estilo de ensino sendo possível ajudar.

O orientador pedagógico pode intervir junto ao professor e ajudar com várias estratégias educacionais:

- A criança disléxica deve sentar-se perto da professora, de modo que a professora possa encorajá-la a solicitar ajuda.
- Cada ponto deve ser revisto várias vezes
- Nunca compará-la o seu trabalho escrito com os colegas.
- Seus conhecimentos devem ser julgados mais pelas respostas orais do que pela escrita o que significa que deverá ser avaliado diariamente.
- Sempre que possível peça a criança para ela repetir várias vezes com suas próprias palavras, o que a professora pediu para ela fazer, pois isso ajuda na memorização.
- Ensinar a criança à “sentir” as letras através de diferentes texturas de materiais
- Nunca forçar o aluno a aceitar a lição do dia.

- Evitar submeter o aluno a pressão do tempo ou competição com outras crianças.
- Usar crítica de maneira construtiva.
- Estimular a escrever em linhas alternadas, pois ajudará ao professor a ler uma caligrafia imprecisa e frequentemente amontoada.
- Procurar a identificar o que interessa a criança.
- Utilizar técnicas visuais e globais, usando imagens e fichas.
- Aceitar frases simples e depois ir ampliando.
- Imitar e reproduzir sons e palavras.
- Brincar de tempestade de ideias.
- Discutir oralmente expondo os acontecimentos rotineiros em grupo.
- Utilizar palavras com a mesma configuração.
- Relacionar letras com sons singulares.
- Associar sons (sintetizando sílabas)
- Não exigir grandes redações.
- Utilizar leitura silenciosa, observando postura, olhar, boca...
- Usar vários materiais de apoio para apresentar a lição à classe como : lousa, projetores de slide, retro projetor, filmes educativos, demonstrações práticas e outros recursos multimídias (sabendo que é difícil na rede municipal e estadual, mas não impossível).
- Introduzir o vocabulário novo , de forma contextualizada.
- Evitar confusões, isto é dando instruções orais e escritas ao mesmo tempo.
- Anunciar o trabalho com bastante antecedência, a fim de o disléxico se necessário, arranjar outras formas de realizá-las.

- Considerar trabalho em grupo
- Quando apropriado, proporcionar alternativa fora da sala de aula para tarefas de leitura, como dramatização, entrevistas e trabalho de campo
- Realizar aulas de revisão que permitam o tempo adequado para perguntas e respostas.
- Avaliar sempre o conhecimento dos estudantes com dislexia usando métodos alternativos, inclusive avaliações orais, trabalhos feitos em casa e apresentações individuais.
- Autorizar o uso de tabuadas, calculadoras, rascunhos e dicionários durante as provas.
- Aumentar o limite de tempo para as provas escritas.
- Ler a prova em voz alta e antes de iniciá-las verificar se todos entenderam e compreenderam o que foi pedido.
- Nunca peça a ele que leia em voz alta na classe, sem que lhe comunique antecipadamente para que possa se preparar com antecedência;
- Nunca o force a escrever no quadro-negro;
- Nunca peça que ele responda perguntas sem ter se oferecido para tal;
- Corrija a escrita avaliando o significado de seu conteúdo, e não pelo número de palavras escritas de forma ortográfica correta;
- Não insista para que o estudante copie do quadro-negro. Se ele achar que isso é difícil, permita-lhe que copie das anotações da professora ou de um colega;
- Reduza as atividades em classe e as tarefas de casa do aluno disléxico;
- Use artifícios para facilitar a memorização do estudante, como músicas;

- Permita o uso de máquina de calcular durante as lições de matemática;
- Dê a ele a oportunidade de responder às questões dos testes oralmente, e de refazer o teste quando necessário, atribuindo nota extra para compensar as notas baixas.

O papel do orientador pedagógico e do professor é fundamental para o desenvolvimento do aluno, já que são mediadores e facilitadores da aprendizagem. É muito importante entender as reais dificuldades do aluno e acompanhar de perto seu processo de aprendizagem. Compreensão e parceria são fundamentais para garantir o futuro dos disléxicos. Pois embora a dislexia seja um distúrbio de leitura, que pode causar outras dificuldades de aprendizagem, a criança apresenta inteligência normal, precisando receber estimulação e ensino de acordo com suas possibilidades para que assim possam enfrentar os possíveis obstáculos encontrados em seu cotidiano escolar.

CAPÍTULO III

A LDB FRENTE AOS PORTADORES DE DISLEXIA

Infelizmente nem todas as escolas seguem a Legislação, e desta forma continuam achando que o aluno disléxico tem que se adequar a mesma, esquecendo dos limites do mesmo e da necessidade de profissionais capazes de oferecer atendimento eficaz quando ao desenvolvimento do educando, pois mesmo disléxicos podem aprender quando determinadas condições estão presentes e se proporciona oportunidades educacionais adequadas.

Segundo Fonseca (1996, p.145): “A escola não pode pôr o programa ou os métodos à frente da criança. A finalidade da escola é proporcionar a toda criança sem distinção, de acordo com os seus biorritmos, o desenvolvimento máximo do seu potencial e o prazer da cultura adquirida pela experiência social das gerações antecedentes”.

A escola cria com sua metodologia técnicas para auxiliar os mais dotados e afastam os alunos com dificuldades. Tornando-se preconceituosa e aumentando os problemas emocionais daqueles que deviam ser apoiados. Ela não responde ao desafio de trabalhar com as dificuldades das crianças, principalmente às relacionadas com as dificuldades de linguagem como a dislexia, favorecendo “a dificuldade de ensinar”. Problemas vindo de uma abordagem errada do professor, em não perceber os caminhos para chegar aos alunos com dislexia, deixando-o inibido e com poucas possibilidades de aprender, pois falta-lhe estímulo, motivação. É necessário considerar o efeito emocional que a dislexia acarreta, agravando o problema do educando,

levando-o ao fracasso escolar, a desistência, a baixa-estima muitas vezes por desilusão acabam entrando na marginalidade.

A Constituição Federal de 1988, a Lei 9.394/94 e a legislação do Conselho Nacional de Educação dão apoio aos disléxicos, portadores de necessidades especiais relacionadas principalmente com as dificuldades da leitura, resultando no compromisso de educar a todos sem discriminação ou exclusão.

Todas as leis, legislação e diretrizes educacionais, não são específicas para os disléxicos, apenas engloba o que tange a inclusão escolar como direito de qualquer cidadão.

3.1 A legislação de apoio para entendimento às crianças com dificuldades de aprendizagem

LDB 9.394/96

Art. 12 – Os estabelecimentos de ensino, respeitadas as normas comuns e as do seu sistema, terão a incumbência de:

I – elaborar e executar sua Proposta Pedagógica.

V – prover meios para a recuperação dos alunos de menor rendimento.

Art. 23 – A educação básica poderá organizar as séries em anuais, períodos semestrais, ciclos, alternância regular de períodos de estudos, grupos não seriados, com base na idade, na competência e em outros critérios, ou por forma diversa de organização, sempre que o interesse do processo de aprendizagem assim o recomendar.

Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 (ECA)

Art. 53, incisos I, II e III

“a criança e o adolescente tem direito a educação, visando ao pleno desenvolvimento de sua pessoa, preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho, assegurando-lhes:

I – igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;

II – direitos de ser respeitado pelos seus educadores;

III – direito de contestar critérios avaliativos, podendo recorrer às instâncias escolares superiores.”

Deliberação CEE nº 11/96

Artigo 1º - “ o resultado final da avaliação feita pela escola, de acordo com o seu regimento, deve refletir o desempenho global do aluno durante o período letivo, no conjunto dos componentes curriculares cursados, com preponderância dos aspectos qualitativos e dos resultados obtidos durante o período letivo sobre os da prova final, caso esta seja exigida, considerando as características individuais do aluno e indicando sua possibilidade de prosseguir nos estudos.”

Indicação CEE nº 5/98, de 15/04/98

D.O.E. em 23/09/98

(...) educação escolar consiste na formação integral e funcional dos educandos, ou seja, na aquisição de capacidades de todo tipo: cognitivas, motoras, afetivas, de autonomia, de equilíbrio pessoal, de inter-relação pessoal e de inserção social.

(...) os conteúdos escolares não podem se limitar aos conceitos e sim devem incluir procedimentos, habilidades, estratégias, valores, normas e atitudes. E tudo deve ser assimilado de tal maneira que possa ser utilizado para resolver problemas nos vários contextos.

(...) os alunos não aprendem da mesma maneira e nem no mesmo ritmo. O que eles podem aprender em uma determinada fase depende do seu nível de amadurecimento, de seus conhecimentos anteriores, do seu tipo de inteligência, mais verbal, mais lógica ou mais especial.

(...) recuperar significa voltar, tentar de novo, adquirir o que perdeu, e não pode ser entendido como um processo unilateral. Se o aluno não aprendeu, o ensino não produziu seus efeitos, não havendo aqui qualquer utilidade em atribuir-se culpa ou responsabilidade a uma das partes envolvidas.

(...) o compromisso da escola ao é somente com o ensino, mas principalmente com a aprendizagem. O trabalho só termina quando todos os recursos forem usados para que todos os alunos aprendam. A recuperação deve ser entendida como uma das partes de todo o processo ensino-aprendizagem de uma escola que respeite a diversidade de características e a de necessidades de todos os alunos.

(...) dentro de um projeto pedagógico consistente, a recuperação, deve ser organizada para atender os problemas específicos de aprendizagem que alguns alunos apresentam, e isso não ocorre em igual quantidade em todas as matérias e nem em épocas pré-determinadas no ano letivo. A recuperação da aprendizagem precisa: - ser imediata, assim que for constatada a perda, e contínua; ser dirigida as dificuldades específicas do aluno; abranger não só os conceitos, mas também as habilidades, procedimentos e atitudes.

(...) a recuperação paralela deve ser preferencialmente feita pelo próprio professor que viveu com o aluno aquele momento único de construção do conhecimento. Se bem planejada e baseada no conhecimento da dificuldade do aluno, é um recurso útil.

Parecer CEE nº 451/98 – 30/07/98

D.O.E. de 01/08/98, páginas 18 e 19, seção I

A expressão “rendimento escolar”, que se encontra no inciso V do artigo 24 da Lei 9.394/96, se refere exclusivamente a aprendizagem cognitiva?

Não. A legislação sobre avaliação do rendimento escolar, sobretudo o referido artigo, não restringe a expressão “rendimento escolar” exclusivamente à aprendizagem cognitiva.

A lei 9.394/96, ao tratar da educação básica, situou-a no quadro de abertura que permitiu, aos que dela fossem cuidar, em seus diferentes níveis e modalidades, a pensasse como um todo e a explicitasse, nos limites do seu texto, em sua proposta pedagógica e em seu regimento. Na elaboração dessa proposta e desse regimento, consubstanciado certamente numa visão de homem, de sociedade e, por consequência, numa concepção de educação e de avaliação, cuidados muitos especiais deverão ser tomados para que estejam de acordo com estes alunos com dificuldades de aprendizagem, instrumentos, referentes ao processo ensino-aprendizagem, e em particular ao meio de verificação da avaliação do rendimento escolar.

O legislador deixou sob a responsabilidade da escola e de toda sua equipe a definição do projeto de educação, de metodologia e de avaliação a serem desenvolvidas. Abandonou detalhes para agarrar-se ao amplo, ao todo, ao global, ao abrangente. Aponta, por isso, para uma educação inclusiva visando para a diversidade, onde estudo e avaliação devem caminhar sempre juntos, esta última como instrumento indispensável para permitir saber em que medida e critérios os objetivos pretendidos pelo professor foram alcançados. A educação deve ser vista como um processo de permanente crescimento do educando, visando seu pleno desenvolvimento, onde conceitos, menções e notas devem ser vistos como mero registros, prontos a serem alterados com a mudança de situação. E, nessa busca do pleno desenvolvimento e do processo do educando, estando presentes outros objetivos que não só os de dimensão cognitiva mas os de natureza sócio afetiva e psicomotora, que igualmente precisam ser trabalhados e avaliados. Deve-se ter muito cuidado ao uso que se pode fazer da avaliação, não a dissociando da ideia do pleno desenvolvimento do aluno.

Lei nº 10.172 de janeiro de 2001 – Plano Nacional de Educação

Capítulo 8 – Da Educação Especial

8.2 – Diretrizes

A educação especial se destina a pessoas com necessidades especiais no campo da aprendizagem, originadas quer de deficiência física, sensorial,

mental ou múltipla, quer de características como de altas habilidades, superdotação ou talentos.

(...) a integração dessas pessoas no sistema de ensino regular é uma diretriz constitucional (art. 208, III), fazendo parte da política governamental à pelo menos uma década. Mas, apesar deste longo período, tal diretriz ainda não produziu a mudança necessária na realidade escolar, de sorte que todas as crianças, jovens e adultos com necessidades especiais sejam atendidos em escolas regulares, sempre que for recomendado pela avaliação de suas condições pessoais. Uma política explícita e vigorosa de acesso à educação, de responsabilidade de União, dos Estados e Distrito Federal e dos municípios, é uma condição para que as pessoas especiais sejam assegurados de seus direitos a educação.

Tal política abrange: o âmbito social, do reconhecimento das crianças, jovens e adultos especiais como cidadãos e de seu direito de estarem integrados na sociedade o mais plenamente possível; e o âmbito educacional, tanto nos aspectos administrativos (adequação no espaço escolar, de seus equipamentos e materiais pedagógicos), quanto na qualificação dos professores e demais profissionais envolvidos.

O ambiente escolar como um todo deve ser sensibilizado para uma perfeita integração. Propõe-se uma escola integradora, inclusiva, aberta a diversidade dos alunos, no que a participação da comunidade é fator essencial. Quanto as escolas especiais, a política de inclusão as orienta para prestarem apoio aos programas de integração.

(...) requer-se um esforço determinado das autoridades educacionais para valorizar a permanência dos alunos nas classes regulares, eliminando a

nociva prática de encaminhamento para classes especiais daqueles que apresentam dificuldades comuns de aprendizagem, problemas de dispersão, de atenção ou de disciplina. A este deve ser dado maior apoio pedagógico, nas suas próprias classes, e não separá-los como se precisassem de atendimento especial.

Parecer CNE/CEB nº 17/2001

Resolução CNE/CEB nº 2, de 11 de setembro de 2001

“ O quadro das dificuldades de aprendizagem absorve uma diversidade de necessidades educacionais, destacadamente aquelas associadas a: dificuldades específicas de aprendizagem como a dislexia e disfunções correlatadas, problemas de atenção, perceptivos, emocionais, de memória, cognitivos, psicolinguísticos, psicomotores, motores, de comportamento; e ainda há fatores ecológicos e sócioeconômicos, como as privações de caráter sociocultural e nutricional”.

3.2 A necessidade do orientador pedagógico conhecer a Lei de Diretrizes e Bases

As crianças com dislexia, estão no grupo daqueles educandos com dificuldades “não vinculadas a uma causa orgânica específica”, pois é compreendida como uma dificuldade no aprendizado da leitura comprometendo a articulação das palavras e a compreensão do texto, prejudicando-as em todas as disciplinas.

As dificuldades de aprendizagem absorvem diversas necessidades educacionais associadas a problemas psicolinguísticos como: dislexia, disgrafia, disortografia. Dificuldades psicomotoras, cognitivas como: atenção, concentração, memória, hiperatividade e fatores ambientais e econômicos.

Não sendo portador de deficiência, o disléxico porém é portador de uma (ou mais) dificuldades de aprendizagem que interferem nas realizações escolares nas quais as habilidades de leitura, escrita e aritméticas são comprometidas.

Pode-se entender que com a LDB 9.394/96 as escolas devem visar o apoio ao educando assegurado a inclusão dos alunos com dificuldades de aprendizagem no projeto pedagógico, definindo recursos para serem utilizados com objetivos de um melhor entendimento destes, oferecendo capacitação contínua aos professores, para que possam estabelecer modos de cooperação formando uma parceria entre escola-aluno-família, produzindo a mudança necessária na realidade escolar, pois este ambiente deve ser sensibilizado para uma perfeita integração, aberta à diversidade dos alunos no qual a participação da família é fator essencial, produzindo resultados mais significativos sobre o desenvolvimento das crianças.

Conforme a LDB 9394/96, admite que crianças com dificuldades na leitura e escrita, como os portadores de dislexia, devem ser avaliadas de maneira diferenciada para não excluir seus verdadeiros potenciais.

O educando com dislexia tem direito a realização de avaliações diferenciadas com provas orais, provas alternativas, a prova quando escrita deve ser lida pelo professor questão por questão, o tempo de avaliação deverá ser estendido e até mesmo durante a redação, esta pode ser oral e transcrita pelo professor.

O orientador pedagógico deve ficar atento e conhecer as leis que amparam as crianças com dificuldades de aprendizagem, conhecer também o projeto político da escola para que possa proporcionar a esta criança o melhor meio de ser avaliada pela instituição escolar. Deve estar atualizado quanto as teorias do desenvolvimento e da aprendizagem e proporcionar o desenvolvimento da autoestima do aluno.

CAPÍTULO IV

AVALIANDO UM ALUNO DISLÉXICO

A dislexia exige muita paciência e atenção, levando seus portadores , a maioria das vezes a abandonarem a escola no início da adolescência, não só pela dificuldade de assimilação dos conteúdos escolares, mas principalmente pela humilhação de realizar o mesmo tipo de avaliação não conseguindo alcançar o sucesso esperado, pois não há tempo de processar as informações esperadas, e ao mesmo tempo estes alunos muitas vezes não conseguem colocar no papel o que pensam.

A avaliação de um disléxico deve ser diferenciada, pois o jeito de aprender é diferente. Deve ser através da observação diária do professor, na participação, interesse e exercícios.

Para avaliar um aluno disléxico, o orientador pedagógico junto ao professor devem criar situações que promovam uma avaliação reflexiva e criativa, proporcionando a compreensão e a auto-compreensão do educando respeitando seus limites, motivando o crescimento na medida em que se respeita à maneira do aprender, auxiliando-o durante a execução da avaliação, oferecendo a ajuda necessária para o entendimento da mesma.

Segundo Fonseca (1996, p.240) , a escola tem que criar não as tradicionais provas para a avaliação, mas sim modelos de identificação de problemas de aprendizagem.

Cabe a escola comprometida com o desenvolvimento de seus alunos, elaborar suas avaliações, visando colaborar com medidas que favoreçam o

desenvolvimento do dislético, sabendo que é um período que exige muito dele. Preparar as avaliações iluminada pela vontade de transformar, oportunizando o crescimento do educando, encorajando a reorganização do saber.

Segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: “ A avaliação dar-se-á de forma contínua e formativa.”

Deve-se refletir sobre como avaliar o aluno com dislexia, já que muitas vezes a memória é frequentemente um desafio, pois a dificuldade da leitura não permite processar os conteúdos normalmente, exigindo do aluno um esforço muito maior.

A parte emocional não deve ser esquecida, esses educandos precisam de um apoio especial para sentir-se capaz, evitando frustrações. Portanto a avaliação deve ser contínua, o professor deve acompanhar diariamente o processo de aprendizagem do aluno, proporcionando o desejo da aprendizagem, reflexões, diálogos e reorganização de ideias.

Quando um educador respeita a dignidade do aluno e trata-o com compreensão e ajuda construtiva, ele desenvolve na criança a capacidade de procurar dentro de si mesma as respostas para os seus problemas, tornando-o responsável e conseqüentemente, agente do seu próprio processo de aprendizagem.(DROUET, 2003,p.13).

A Avaliação deve ser voltada para o desenvolvimento da criança. O professor capacitado e comprometido com as mudanças deverá tomar

decisões conscientes visando às possibilidades do aluno, não o julgando apenas através de testes e provas, porém através da observação constante e reflexiva sobre toda e qualquer manifestação do mesmo, intervindo de maneira positiva e humana, estimulando sua participação ativa no ato de aprender.

4.1 Avaliação sem traumas

Como o disléxico tem dificuldades na leitura e interpretação, é essencial que o professor leia questão por questão ou que faça a prova oralmente, permitindo que a prova seja com entusiasmo e sem medo. O professor tem que entender que a avaliação é contínua e com estratégias variadas, como pede a Lei de Diretrizes e Bases.

Já que ainda é necessária a aplicação da prova, que ela seja vista como um ato de carinho, no sentido de não prejudicar o aluno, desejante do saber. É através da observação, vivência, experiência que se aprende, sendo assim é normal errar, só erra que tenta acertar, quem experimenta, o erro faz parte da aprendizagem, e durante a execução da prova também é hora de aprender. Através do erro o aluno mostra sua trajetória, cabe ao professor fazê-lo avançar neste processo.

A inteligência é estimulável e independentemente da carga genética ou da história biológica e evolucionista de uma pessoa, são inegáveis os efeitos em seu progresso, ocasionados por um ambiente estimulador e por pessoas empenhadas nesse fim.”
(ANTUNES, 2002, p.114)

A avaliação deve ser um ato de prazer, no sentido de integrar, incluir, pelos mais variados meios, buscando uma resposta satisfatória ao esforço do disléxico, integrando as experiências vividas em sala de aula.

O orientador pedagógico deve intervir para que o professor analise os erros, identificando as razões e intervindo no momento que ocorre o erro, alertando ao disléxico assegurando a autoestima do aluno.

A avaliação deve ser feita para promover transformações, e para isso o professor deve ser orientado a avaliar sua metodologia e verificar se está promovendo a inclusão ou a exclusão do aluno disléxico. De acordo com Hoffmam (1993, p.93): “A construção do ressignificado da avaliação passa também por um processo de auto avaliar-se e pressupõe dos educadores um enfoque crítico da educação e se seu papel social.”

Intervindo, o orientador pedagógico auxilia nesta busca por mudanças mostrando ao professor que ousando irá proporcionar ao aluno disléxico um envolvimento amplo e significativo para que ele perceba o quanto é capaz.

Avaliar é então, questionar, formular perguntas, propor tarefas desafiadoras, disponibilizando tempo e recursos, condições dos alunos para construção de respostas. É compromisso do professor sugerir e disponibilizar várias fontes de informações.
(HOFFAMANN.1993, p.93)

Para avaliar o desenvolvimento do aluno várias estratégias e meios diversos podem ser usados. Incentivar a autoestima deve ser um dos principais objetivos do professor. Trabalhar no sentido de criar um ambiente

agradável. O aluno precisa ser feliz na escola, descobrir o prazer de fazer suas atividades, aprender que é permitido errar e que através do erro se aprende, cresce. É a melhor forma de preparar o aluno para sair-se bem quando sabe que está sendo avaliado.

CONCLUSÃO

A Pedagogia investiga os processos da aprendizagem, procurando colaborar com a instituição escolar no sentido de reforçar e auxiliar a equipe docente com o objetivo de diminuir suas dificuldades, compreendendo suas necessidades e respeitando suas características individuais almejando o sucesso no rendimento escolar. O orientador pedagógico intervém incorporando novas dinâmicas em sala de aula, em conjunto com outros profissionais da escola, estimulando o desenvolvimento de relações interpessoais, estabelecendo vínculos, estimulando e oportunizando ao aluno disléxico a galgar caminhos mais elevados que suas limitações, valorizando a sua atuação na instituição escolar.

Para que o orientador pedagógico possa desenvolver um bom trabalho de intervenção é necessário o entrosamento entre toda a equipe pedagógica, procurando colaborar com a instituição no sentido de reforçar e auxiliar o bem estar do aluno disléxico, respeitando suas diversidades no sentido de diminuir as dificuldades causadas pela dislexia.

A atuação pedagógica deve criar situações desafiadoras para que o professor provoque o interesse pela aprendizagem, colaborando numa perspectiva e visando que o desenvolvimento do aluno com dislexia seja o menos doloroso possível, desenvolvendo sua autonomia, independência, buscando novas alternativas para a resolução de problemas para que aprenda a lidar com suas frustrações.

Através do lúdico, o orientador pedagógico junto ao professor, deve proporcionar ao disléxico uma abordagem agradável buscando a superação,

melhorando o rendimento escolar, dando oportunidade para que este desenvolva sua criatividade, promovendo a autoestima e preparando-os para que no futuro saiba resolver problemas com um bom equilíbrio emocional, saindo fortalecido e seguro dos obstáculos enfrentados.

Com a intenção de melhorar as condições de aprendizagem do aluno disléxico, o orientador pedagógico pode contribuir orientando ao professor para que este proporcione atividades de integração, impulsionando o educando a amenizar as dificuldades apresentadas pela dislexia e o libertando da prisão que corresponde ao não saber.

Este é o grande desafio da Pedagogia, alçar voo na direção de melhorar a realidade do aluno desejante do saber. Olhar o educando como um sujeito capaz de aprender, entendendo o processo da construção de seu conhecimento, respeitando e valorizando cada conhecimento adquirido, vivenciado.

Ser orientador pedagógico é sonhar, acreditar na mudança, na transformação, na verdadeira inclusão dos alunos com dificuldades de aprendizagem.

É sonhar... sonhar com a esperança e no compromisso de fazer a diferença, lutar pela inclusão, pelo fim do preconceito, por uma escola mais digna e humana onde alunos não se sintam excluídos e sim que tenham a oportunidade de serem valorizados, sem privações e humilhações.

É distribuir sonhos.

E ter a certeza de fazer o melhor!

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

ANTUNES, Celso. **Novas maneiras de ensinar, novas maneiras de aprender.** Porto Alegre. Artmed. 2002

_____ **A construção do Afeto.** Porto Alegre. Artmed. 2002.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** Lei.nº9.394/96, de 20 de dezembro de 1996.

DROUET, Ruth C. da Rocha. **Distúrbios da aprendizagem.** São Paulo: Ática, 2003

HOFFAMANN, Jussara. **Avaliação – mito e desafio.** Porto Alegre. Educação e Realidade. 1993

LUCKESI, C. – **Formalidade e criatividade na prática pedagógica.** ABCEDUCATIO – a revista da educação. Ano 6, nº 48, São Paulo. CRIARP. 2006

FERREIRO, E. TEBEROSKY, A. **Psicogênese da Língua Escrita.** Porto Alegre: Artmed, 1999.

FONSECA, Vitor. - **Insucesso escolar: Abordagem psicopedagógica das dificuldades de aprendizagem** - Âncora Editores, Lisboa. 1999.

GARDNER, Howard. **Inteligências Múltiplas – A teoria na prática.** Porto Alegre. Artmed. 1996.

GALEANO, E. **O livro dos abraços.** Porto Alegre. L&P. 1997.

GIROTO, C.R.M. (Org.). **Perspectivas atuais da fonoaudiologia na escola.** São Paulo: Plexus, 2001.

JOSÉ, Elisabete da Assunção e COELHO, Maria Teresa. **Problemas de aprendizagem**. Editora Ática. 9ª edição. São Paulo. 1997.

MARTINS, Vicente. **Quem necessita de educação especial?**

Disponível: <<http://www.dislexia.com.br>>, acesso em 07/04/2013

MASINI, E.F.S. **A Arte de construir**. Revista Ciências e Vida.Psique. Edição Especial. Ano 1, nº2. São Paulo. Editora Escala.2007.

PAIN, Sara, **A Função da Inteligência**, Porto Alegre, Ed. Artes Médicas, 1992.

_____ **Diagnóstico e Tratamento dos Problemas de Aprendizagem**.

Porto Alegre, Artes Médicas, 1992.

SELIKOWITZ, Mark. **Dislexia e outras dificuldades de aprendizagem**. Rio de Janeiro: Revinter, 2001.

WEISS, M.L. **Psicopedagogia Clínica – Uma Visão Diagnóstica**. Porto Alegre, Artes Médicas, 1992.

www.dislexia.org.br., acesso em 12/04/2013

ÍNDICE

FOLHA DE ROSTO	02
AGRADECIMENTOS	03
DEDICATÓRIA	04
RESUMO	05
METODOLOGIA	06
SUMÁRIO	07
INTRODUÇÃO	08
CAPÍTULO I	
O QUE É DISLEXIA?	10
1.1- Entendendo melhor a dislexia	12
1.2- Sinais e características da dislexia	14
1.3- Alguns sinais que podem indicar a dislexia	20
CAPÍTULO II	
AS INTERVENÇÕES PEDAGÓGICAS	26
2.1- O papel do orientador pedagógico no auxílio ao professor com o aluno disléxico	26
2.2- Dificuldades encontradas pelo orientador pedagógico	34
2.3- A atuação pedagógica e a aprendizagem escolar nas crianças disléxicas	38

CAPÍTULO III

A LDB frente aos portadores de dislexia	45
3.1- A legislação de apoio para entendimento às crianças com dificuldades de aprendizagem	46
3.2- A necessidade do orientador pedagógico conhecer a Lei de Diretrizes e Bases	52

CAPÍTULO IV

Avaliando um aluno disléxico	55
4.1- Avaliação sem traumas	57

CONCLUSÃO	60
-----------	----

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA	62
-------------------------	----

ÍNDICE	64
--------	----

FOLHA DE AVALIAÇÃO	66
--------------------	----

**UNIVERSIDADE CANDIDO MENDES
PÓS-GRADUAÇÃO “LATO SENSU”
AVM FACULDADE INTEGRADA**

A DISLEXIA E OS DESAFIOS PEDAGÓGICOS

Por

Suzana Paula Pedreira Tavares de Moura

**Monografia apresentada à AVM Faculdade Integrada como parte do
requisito parcial para conclusão de Pós-Graduação em Orientação
Educativa e Pedagógica.**

APROVADO EM _____/_____/_____

AVALIAÇÃO _____

PROFESSORA: Flávia Cavalcanti

Niterói

2013